

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM INTERDISCIPLINARIDADE E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.
***CAMPUS* CERRO LARGO**

MAISE CRISTIANE PREUSSLER ANGST

**A LEITURA CRÍTICA DA CHARGE:
IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.**

Cerro Largo, RS, Maio 2013

MAISE CRISTIANE PREUSSLER ANGST

**A LEITURA CRÍTICA DA CHARGE:
IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.**

Monografia apresentada à UFFS, Campus Cerro Largo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica, sob a orientação da Professora Dr. Francieli Matzembacher Pinton.

Cerro Largo, RS, Maio 2013

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais (Selvino e Jacinta), meu irmão (Mariel José) meu querido esposo (André Ricardo) e meu precioso filho (Victor Guilherme - Meu melhor e maior presente...)

AGRADECIMENTOS

Reconhecendo a valiosa colaboração e solidariedade recebidas de tantas pessoas durante a elaboração e realização deste trabalho, desejo agradecer especialmente:

À Professora Doutora FRANCIELI MATZEMBACHER PINTON pela orientação, pela disponibilidade, pela competência e pelo estímulo demonstrado a todo o momento e em cada fase do trabalho.

Aos meus pais Selvino Preussler e Jacinta Preussler poderosos modelos de vida pelos valores e princípios cristãos que me cultivaram e pela compreensão nas horas de ausência.

Ao meu esposo André, por estar sempre ao meu lado. Obrigada pelo carinho, e companherismo.

Aos colegas que comigo realizaram o curso de Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica, pelo convívio amigo e pelas trocas de experiências sempre enriquecedoras.

Aos professores do Curso de Especialização, pelos desafios propostos e caminhos indicados.

Enfim, a todos que, de uma ou de outra maneira, souberam dar sua contribuição, mesmo no anonimato, para que este estudo pudesse chegar ao resultado transcrito nesta monografia.

RESUMO

Formar leitores críticos e produtores de textos eficientes é um dos objetivos fundamentais do ensino. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), propõe-se que a leitura e a produção de textos sejam desenvolvidos de maneira adequada e útil ao universo escolar e à realidade do aluno. Assim, nesta pesquisa, busco discutir a leitura crítica dos gêneros discursivos mais especificamente o gênero charge e explorar seu potencial no ensino da língua materna. A escolha deste gênero (charge) como proposta de atividade, dá-se pela eficácia comunicativa que este contém, pois sua linguagem satisfaz os modos de análise linguística, com caráter de modernidade e universalidade, além de ser um modo de comunicação que poderá ser lúdico e ao mesmo tempo crítico, dependendo de sua textualidade. Pela falta de uma prática eficaz, o aluno da educação básica, não demonstra habilidades com a realização de um tipo de leitura que vá além da decodificação de palavras e frases. Em razão disso, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar uma revisão crítica dos pressupostos teóricos para a leitura da charge no contexto da educação básica, em especial, nos anos finais do ensino fundamental. Para tanto, foram discutidos os conceitos de leitura crítica, a definição e funcionamento do gênero charge, bem como os aspectos relevantes para sua leitura e compreensão. Com base nisso, buscou-se apresentar uma proposta de atividade com charges, já que entendemos que formar um leitor crítico não depende só de colocar o aluno para ler, mas sim para praticar constantemente a leitura dos vários textos e extrair deles o seu significado.

Palavras-Chave: Gêneros Discursivos. Leitura. Charge. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Form critical readers and producers of texts efficient is one of the fundamental goals of education. In the National Curriculum (1998), it is proposed that reading and producing texts are developed appropriately and useful to the school and the student's reality. Thus, in this research, I seek to discuss the critical reading of genres specifically charge the genre and explore its potential in the teaching of the mother tongue. The choice of this genre (charge) as proposed activity occurs through communicative efficacy that it contains, as its language satisfies modes of linguistic analysis with character of modernity and universality, besides being a mode of communication that can be playful while critical, depending on their textuality. The lack of effective practice, the student basic education does not demonstrate skills with doing a type of reading that goes beyond decoding words and phrases. As a result, this research aims to present a critical review of the theoretical background for reading the charge in the context of basic education, especially in the final years of primary school. Thus, we discussed the concepts of critical reading, the definition and operation of the genre charge, as well as issues relevant to their reading and comprehension. Based on this, we attempted to present a proposal for activity with cartoons, since we understand that form a critical reader depends not only put the student to read, but to constantly practice the reading of various texts and extract from them their meaning.

Key words: Discourse Genres. Charge. Reading. Elementary Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - O ATO DE LER	10
1.2 A leitura crítica.....	13
1.3 Os gêneros discursivos.....	16
1.4 O gênero Charge.....	19
1.4.1 A coerência.....	21
1.4.2 A coesão.....	22
1.4.3 A ironia	23
1.4.4 A intertextualidade	24
CAPÍTULO 2- O ENSINO DA CHARGE EM SALA DE AULA	26
2.1 Metodologia proposta para o trabalho com a charge.....	28
2.1.1 Propostas de Atividades.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. A formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa à longo prazo, tendo como mediador o professor, em quem encontramos a possibilidade de diversificarmos o conhecimento. Esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações. Pois, os que apenas se relacionam de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo. O comportamento do ato de ler não pode ser delegado somente à escola, deve ser uma parceria entre escola e família.

Dessa forma, é importante que a leitura se constitua como uma prática social de diferentes funções, pelas quais estudantes podem perceber que precisam ler não somente para compreender os outros, mas também para se comunicarem, adquirir conhecimentos, ampliar os horizontes em relação ao mundo e às questões inerentes ao seu bem estar social. Configura-se, então, como uma necessidade básica na vida de cada um que pode ser produtiva para enriquecer as relações interpessoais dentro do seu grupo ou até mesmo no mercado de trabalho.

A situação do trabalho com a leitura é das mais discutidas no âmbito educacional. Os questionamentos comumente feitos são: i) é possível a escola ensinar a ler? Qual a importância da leitura para a formação cidadã? ii) o que estamos levando para a sala de aula, em se tratando de leitura, contribui para a formação do leitor crítico e reflexivo? Estas preocupações têm se manifestado nos

últimos tempos em ações que, de alguma forma, objetivam oferecer suporte ao ensino de leitura nas escolas.

Os sistemas de ensino em geral e, especialmente, as escolas consideradas em sua individualidade vivenciam, nos dias atuais, grandes desafios, questionamentos e limitações na concretização de sua tarefa de possibilitar o processo de ensino-aprendizagem. Concorre para isso o fato de que somos partícipes de um mundo em constantes mudanças, quer de ordem econômica, cultural e social, quer atinentes à compreensão dos processos cognitivos e pedagógicos, característicos de um ambiente educativo, que fundamentam toda ação pedagógica escolar. A meta-fim da escola, o ensinar e o aprender, complexificou-se em consonância com a complexificação do todo social.

Formar leitores críticos e produtores de textos eficientes é um dos objetivos fundamentais do ensino. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), propõe-se que a leitura e a produção de textos sejam desenvolvidos de maneira adequada e útil ao universo escolar e à realidade do aluno. Assim, nesta pesquisa, busco discutir a leitura crítica dos gêneros discursivos mais especificamente o gênero charge e explorar seu potencial no ensino da língua materna. A pesquisa tem como fundamentação teórica a leitura crítica abordada por Kleiman, o gênero discursivo propostas por Bakhtin, bem como de estudiosos de gênero e ensino, como Marcuschi, Meurer, entre outros.

A presente pesquisa pode servir como facilitadora da integração prática, como subsídio para professores de várias áreas do saber, no sentido de estimular outras competências, capacidades emocionais e cognitivas dos discentes perante as disciplinas cursadas em escolas de nível fundamental, médio e superior.

Em razão disso, a estrutura deste texto está organizada em dois capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, com base em uma pesquisa bibliográfica, revisamos conceitos como o de leitura crítica e de gêneros discursivos. Já no segundo capítulo, apresentamos possibilidades de trabalho com o gênero charge em sala de aula.

Entendemos, assim, que esta pesquisa pode servir como...

CAPÍTULO 1 - O ATO DE LER

A leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Nesse sentido, podemos definir leitura como um ato individual, voluntário e interior que se inicia com a decodificação dos signos linguísticos que compõem a linguagem escrita convencional, mas que não se restringe à mera decodificação desses signos, pois, a leitura exige do sujeito leitor a capacidade de interação com o mundo que o cerca.

O ato de leitura não corresponde unicamente ao entendimento do mundo e do texto, seja ele escrito ou não. A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro – do leitor – para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está.

Aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, literária, publicitária, entre outras) para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles.

A leitura é fundamental para o processo de aprendizagem do aluno, sendo que a escola é que tem o espaço necessário para o desenvolvimento desta prática, pois para muitos alunos é o único lugar onde há livros. O ato de ler não é apenas uma decodificação das palavras, é necessário discernimento dos textos escritos de

forma a possibilitar um entendimento dos efeitos de sentido pretendidos pelos escritores.

O ato de ler envolve processo cognitivo, uma vez que este ato envolve tanto a informação impressa na página quanto a informação que o leitor traz para o texto – o seu pré-conhecimento, dando o significado através do processo de interação entre o leitor e o texto verbal ou não-verbal, através do texto.

O aspecto cognitivo da leitura, na perspectiva do processamento da informação, começa pela percepção do material linguístico e termina nos mecanismos de agrupamento desse material em unidades sintáticas, processo chamado por Kleiman (2000, p. 154) de fatiamento. O processamento do objeto começa pelos olhos, que permitem a percepção do material escrito, verbal ou não-verbal passando então a uma memória de trabalho que o organiza em unidades significativas, ajudada nesse processo, por uma memória intermediária que tornaria acessíveis os conhecimentos relevantes para a compreensão do texto, no caso a charge.

A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções. A leitura é antes de tudo um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Com efeito, a leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita:

o processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto (KLEIMAN, 1989 p. 7).

Portanto a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Ler compreensivamente é uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço nas escolas e fora dela, pois é através desse ato que o indivíduo compreende o mundo e a sua maneira de nele atuar como cidadão, sensibilizado dos seus direitos e deveres.

o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos

envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno (KLEIMAN, 1998, p.61).

De acordo com a autora acima mencionada, se o trabalho com a leitura na sala de aula não tiver embasado em uma concepção bem definida de leitura, ou seja, se o professor e a escola não tiverem teoria suficiente e objetiva bem definida acerca do que pretende através desse trabalho, o mesmo corre o risco de não se configurar em si, e também pode tomar outros rumos, distanciando-se do que se pretende que é utilizar a leitura para formar cidadãos cada vez mais críticos e reflexivos.

Dessa forma, ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do leitor. Para Kleiman (1989, p. 93), a leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um processo interativo. A seguir serão comentados mais detalhadamente os três níveis de conhecimento, mencionados acima:

O conhecimento linguístico, compreende-se neste campo que o leitor tenha conhecimentos gramaticais e lexicais (palavras) suficientes para entender as frases, o encadeamento delas, o significado dos termos, enfim, por em prática o seu conhecimento linguístico (KOCH, 2005 p. 89).

O conhecimento textual faz parte do conhecimento prévio do leitor, e é uma das condições para que haja compreensão de leitura, quanto mais habilidade e familiaridade o leitor possuir a respeito de tipologias e estruturas textuais, mais facilidade ele terá na busca por compreensão (KOCH 2005, p. 118).

Como conhecimento de mundo entende-se toda a experiência de vida do leitor, tudo o que ele já viu, já leu, já ouviu, em sua vida. Muitas vezes o texto traz referências de coisas ou fatos ocorridos há tempos, ou fatos históricos, mitos, crendices, folclore, coisas enfim, que o escritor, na verdade, pretende dialogar com o leitor sobre elas, ou, trazer à lembrança do leitor esses fatos. O conhecimento de mundo ativa a memória do leitor, ajudando-o a compreender as informações

retiradas do texto, ocorrendo que, ao terminar uma leitura, talvez não lembre da estrutura desta, mas lembrará das inferências que fez durante a leitura.

Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita, porém se faz necessário que além de ser alfabetizado ele seja também letrado. A prática da leitura é um dos pilares para a formação do aluno. Dessa forma na seção subsequente abordaremos a leitura crítica como prática de ensino.

1.2 A Leitura crítica

A leitura crítica é uma fase de estudos mais profundos que inclui processos reflexão-aprendizagem e percepção deliberada dos significados-apreensão. Além disso, envolve operações complexas como: análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento. Ao estudar um texto, no caso uma charge, passa-se pelas mesmas fases do pensamento crítico: visão global e análise das partes para se chegar à síntese.

Pensar numa prática de ensino que pretenda formar um leitor crítico requer que haja um trabalho com uma maior diversidade de gêneros possível. No entanto, é preciso ter claro os aspectos que devem ser considerados no trabalho com textos:

A formação desse leitor crítico demanda uma concepção sociointeracionista da linguagem, a qual considera a classificação de diferentes gêneros necessários para o ensino de línguas, abordando especificamente, a questão da leitura e da produção escrita (MARCUSCHI, 2003, p.36).

A cada dia que passa evidenciam-se mais as dificuldades que jovens e adolescentes encontram no momento de realizar uma leitura crítica. Isso ocorre muito porque nem sempre o aluno tem o hábito da leitura. A leitura deve se apresentar como uma necessidade, um gosto para despertar o prazer no estudante

para que ele possa absorver e aprender cada vez mais além de desenvolver suas competências leitoras dentro e fora da escola.

Toda leitura crítica, aquela que desmarca os valores, saberes e práticas que são reproduzidos no texto, principalmente naqueles dos meios de comunicação de massa, parte da recuperação do sentido pretendido pelo autor. A leitura crítica tem um potencial emancipador contra a fragmentação e alienação, mas o leitor crítico é, por definição, um leitor, nunca mero decifrador (KLEIMAN E MORAES, 1999, p.123).

A leitura crítica não é uma atividade simples. Ela implica uma série de atitudes que inclui, além da decodificação das letras e palavras, atenção, empenho, interpretação, compreensão, postura crítica. Sendo assim, a leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e conseqüentemente na construção da cidadania, uma vez que através da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país.

Para agir como se aprendizagem e leitura fossem atividades constitutivas, faz-se necessário conceber a leitura como uma prática central de todas as atividades curriculares e o professor, qualquer que seja sua área de especialização, como professor de leitura. Ensinar a ler envolve aculturar o aluno através da escrita, tornando-o crítico no processo, pois a escrita pode vir a ser um dos instrumentos que permitem subverter e resistir à ordem dominante.

De acordo com Meurer (2000, p.169) explicita que 'ler criticamente significa procurar entender o mundo de uma determinada maneira, construir e interpretar textos evidenciando determinadas relações e identidades constituem formas de ideologia'. Assim, para uma leitura crítica, é necessário estabelecer associações mentais que possibilitem compreender que, em diferentes práticas discursivas, os indivíduos criam, recriam e/ou transformam estruturas sociais de dominação, desigualdades e discriminação. Conforme Meurer (2000, p.159-160), isso implica dizer que a conscientização do leitor através da leitura crítica de textos pode levá-lo a questionar (e até mudar) as ações humanas.

Na visão de Freire (2005, p.11) leitura crítica, implica levar em conta a vivência do educando também deve ser levada em conta: A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Para se entender um texto, é necessário que se entenda o seu contexto de produção, um dos requisitos primordiais para a leitura crítica. O trabalho com leitura crítica representa uma ampliação no que se refere à expectativa de desenvolvimento crítico dos alunos.

Quanto à concepção de leitura consideramos esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados (KLEIMAN, 2012, p.10).

Na visão de leitura enquanto prática social, essa deverá ser promovida pela escola, porém exercida pelo aluno além da vida escolar, em suas múltiplas relações que entrelaçam a cadeia do mundo globalizado. Pensar em leitura enquanto prática social pressupõe pensar nas múltiplas relações que o sujeito-leitor exerce na interação com o universo sócio-cultural a sua volta; é pensar em um leitor apto a usar a leitura como fonte de informação e disseminação de cultura.

Leitura crítica é o ato de relacionar o texto com o contexto, ou seja, proporciona o compromisso do homem com a realidade na qual está inserido. É formar não só leitores críticos, como também cidadãos cada vez mais críticos e participativos da sociedade em que vivem. Ler é deixar de ler com os olhos dos outros e passar a ler com nossos próprios olhos, é realizar transformações na visão de mundo e da cultura.

Percebe-se, que a leitura será uma atividade significativa somente se houver a compreensão do conteúdo textual por parte do leitor. É partindo deste princípio, que podemos ressaltar a importância de transformar o aluno em sujeito ativo e crítico, ou seja, formar um leitor capaz de compreender, interpretar e analisar os textos a fim de obter capacidade crítica, para expor suas opiniões com objetividade, clareza e coerência. A leitura crítica representa uma ampliação e uma definição no que se refere à expectativa de desenvolvimento crítico dos alunos.

Segundo Solé (1998, p.58-59), para formar um leitor crítico, o exercício da leitura é imprescindível, de um tipo de leitura que permita ao leitor discorrer sobre o texto e criar possibilidades para compreender suas entrelinhas e à medida que realiza novas leituras, cria novas alternativas para construir seu significado com mais autonomia. Tornar-se um leitor crítico que além de realizar leitura compreende o texto, exige empenho, tanto por parte do aluno quanto por parte de quem propõe o trabalho com a leitura. É preciso que ambos entendam que não se lê só para aprender a ler, mas sim para responder as suas necessidades pessoais.

Conforme Solé (1998, p. 62), o leitor deve ver na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de dar autonomia e independência. O leitor precisa sentir-se estimulado para desenvolver uma prática constante de leitura, precisa deparar-se com situações com as quais possa raciocinar, refletir e progredir cognitivamente. Precisa esforçar-se para se encaixar no perfil do leitor crítico e para isso, dois pontos são de suma importância: o tipo de material utilizado e a proposta pedagógica que se realiza dentro das instituições de ensino.

É necessário que o leitor entenda o texto e seja capaz de manuseá-lo de diferentes formas para resultar em uma leitura significativa e crítica.

Podemos afirmar que formar um leitor crítico não é tarefa fácil, entretanto fica claro que se trata de algo extremamente significativo para o aluno. A leitura contribui não somente para a formação intelectual do indivíduo, mas para a formação moral e cultural, sendo um conhecimento de base para todos os outros que pode vir a adquirir ao longo da vida, além de servir também de entretenimento e prazer.

A próxima seção abordará gêneros discursivos (gênero textual), como prática de ensino.

1.3 Os gêneros discursivos

Entende-se por gênero discursivo (gênero textual), a partir das ideias de Bakhtin (1992, p. 49), toda produção de linguagem (enunciado) oral ou escrita, sendo que cada gênero discursivo é identificado pelos participantes da situação de comunicação, por seu objetivo comunicativo, suas características linguístico-textuais relativamente estáveis, sua temática, seu estilo, suas condições de produção e circulação.

Na reflexão bakhtiniana, a noção de gênero discursivo reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas, reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. É no interior dessas esferas, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, que se elaboram os gêneros discursivos, para responderem às necessidades interlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam. Dada a diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais refletem a diversidade das (inter e intra) relações sócio-culturais dos grupos sociais, os gêneros discursivos são múltiplos, heterogêneos, os quais, se abordados sob um ponto de vista teórico-metodológico, situam-se em um sistema contínuo de situações discursivas, em cujas extremidades estariam, de um lado, a conversação espontânea e, de outro, os artigos de vulgarização científica (cf. Marcuschi, 1995, p.102).

Os gêneros textuais estão no convívio com o homem há milênios, quando antigas civilizações usavam tal estratégia de linguagem para comunicar-se com outras tribos, através de pinturas, desenhos em pedras, em lajes e até mesmo no chão, com isso os anos foram passando eles não desapareceram, mas diversificaram-se, isto é, tomaram novos aspectos, novas tipologias e variedades, cada um deles com seu significado textual. O mesmo aconteceu com os tipos de textos, variam e se moldam conforme a necessidade do leitor, pois o ser humano tem capacidade de “inventar”, criando assim, novas maneiras de expor a sua linguagem seja ela, oral ou escrita, ambas fazem parte do nosso cotidiano (BAKHTIN, 2000, p. 96).

A prática do uso de exemplares de gêneros textuais em sala de aula é uma estratégia que proporciona aos alunos a compreensão e a interpretação de textos de maneira divertida e também eficaz, pois as crianças e adolescentes querem maneiras diferentes de aprender. O acesso aos exemplares de gêneros textuais nos

permite ampliar o horizonte dos alunos, (re)apresentando a prática social de diferentes esferas da sociedade.

O uso do gênero textual é de grande importância na esfera das interações verbais e nas atividades pedagógicas, estimulando a aprendizagem de crianças e adolescentes. Trabalhar com diferentes exemplares de gêneros de textos proporciona motivação e entretenimento nas práticas de ensino.

Segundo Bakhtin (2000, p.107) Os gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. Também para ele, os gêneros não são de origem individual, mas de formas aperfeiçoadas de práticas comunicativas. Acredita-se que o trabalho com essa modalidade de aprendizagem possibilita que os alunos e os professores se envolvam nesses tipos de ações.

Em razão disso, compreendemos que os gêneros textuais são ferramentas muito importantes no ensino de língua portuguesa e que se faz necessário sua utilização dentro da sala de aula, porém o educador precisa ter cuidado ao trabalhar cada gênero, não mostrando apenas suas particularidades mais simples, mas colocando o gênero como uma ferramenta indissociável à sociedade, como ele se apresenta e como é concebido por todos.

Compreender gêneros é, portanto, uma prática de leitura inserida em um contexto social, é entender que, “nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é por meio da linguagem, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas das ações que nos interessam” (Kleiman, 2006, p. 25). É importante ressaltar que cabe ao professor direcionar as atividades de leitura e produção de textos de maneira que os alunos percebam a utilização de gêneros discursivos em situações de comunicação, atendendo às necessidades de seus usuários. O domínio de habilidades que lhes permitam produzir esses textos precisa ser desenvolvido progressivamente a partir da seleção de gêneros veiculados ao contexto em que os alunos se inserem. Certamente, não se trata aqui, de minimizar o contato com a diversidade de gêneros existentes, mas permitir que

os alunos percebam as especificidades dos textos que já lhes são familiares para que sejam instigados a observar outros gêneros de maneira crítica.

Assim sendo, considera-se que gêneros textuais materializam-se em textos que se encontram em nossa vida diária com padrões sociocomunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

A seção seguinte abordará o gênero charge como estratégia de ensino.

1.4 O Gênero Charge

O termo charge é proveniente do francês charger (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, criticando um personagem ou fato específico. A charge é um galicismo, isto é, um empréstimo linguístico de outra língua. Nesse caso, da língua francesa. O seu significado carga representa um ataque onde a realidade é rerepresentada com o auxílio de imagens e palavras.

Muito utilizada na crítica político-social, a charge expressa a visão do artista sobre um determinado fato cotidiano, através do humor e da sátira. Maringoni (1996, p.68) “revela que a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista.”

A charge não se limita apenas a ironizar, mas acrescenta ao cômico, criado pela deformação da imagem, um dado singular: a crítica visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, sendo o foco principal os fatos políticos.

Assim sendo, mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. Para entender uma charge, basta estar conectado ao que acontece estar inserido no contexto. Segundo Silva (2004, p.89) “a charge tem um alcance maior do que um editorial, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos poderosos.” Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores.

Nessa perspectiva, o leitor constrói o sentido estabelecendo inferências a partir da relação entre a imagem que vê e a retomada do fato a que ela alude. Para isso, o leitor deverá saber o fato que origina a charge e suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais. O leitor proficiente é aquele que é capaz de perceber as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação da suas ideias e concepções. Essas marcas estão no texto, geralmente, de maneira intertextual.

Conforme Koch (2006 pág. 32), na leitura da charge, dentre outros conhecimentos, ativamos valores da época e da comunidade em que vivemos. As charges são facilmente identificáveis, pois elas são a retextualização de um texto, isto é, ela está inserida em um contexto já apresentado. A interpretação da charge fica prejudicada se não estudarmos o contexto da história em que ela foi produzida. As charges são uma das práticas sociocomunicativas entre leitores, o processo de leitura e de compreensão varia e o seu público abrange qualquer faixa etária.

Na atualidade, os variados meios de comunicação fazem com que se depare com diferentes formas de protesto e crítica. Críticas ao sistema administrativo atual, tanto na esfera federal, estadual, e municipal, à política social que se adota, e aos governantes que geralmente são feitas, na imprensa de várias maneiras. O modo de se criticar é por meios de argumentos lógicos que possam convencer o leitor. Nesta perspectiva, Luyten, aponta que

A charge é o discurso humorístico que valoriza a ilustração, a caricatura e coloca em dúvida questões de ideologia, poder, sentimentos, personalidade, enquanto ri da própria dúvida. É, outrossim, uma proposta de reflexão e contém, inerente a si, todo um complexo ideológico, não só do de seu autor ou do veículo que a publica, mas também da sociedade na qual se insere.

Para entendê-la o leitor deve procurar enxergar por trás de um simples traço, uma denúncia; de uma gargalhada, um problema; do humor, uma crítica. (LUYTEN 1985, p. 106)

Assim, percebe-se que a função social da charge, conforme já explicitado, é criticar em forma de humor. Uma das formas de criticar é por intermédio do riso que advindo da sátira, da ironia e do deboche empregados como mecanismos para interagir com o leitor e persuadi-lo a aceitar as ideias representadas. Para tanto, é crescente o número de jornais, revistas e emissoras de televisão que exploram a sátira política por meio do riso através da charge. Por sua vez, Maringoni (1996, p. 178), observa que para fazer humor é preciso haver um código cultural e emocional em comum com o leitor e o autor. Este código permite que se associem acontecimentos que à primeira vista não possuem ligação alguma.

O tempo, segundo o autor Maringoni (1996, p. 201), é mais um componente neste código com o público, isto porque para compreender a charge é preciso conhecer o assunto a ser tratado, os personagens e seu contexto. Fora de um contexto, a charge pode ficar como registro de uma época. E acrescenta: “alguns cartunistas conseguem com seu trabalho captar mais o espírito de uma época do que se limitar ao registro do fato do dia” (MARINGONI, 1996, p.87).

Assim sendo, pode-se apontar a caricatura, no caso a charge, como um dos primeiros recursos utilizados para criticar aos poderes constituídos. Sendo a charge uma forma de registro crítico e opinativo da história imediata de um grupo social.

É fundamental aludir, que para o entendimento da charge deve existir um contexto, capaz de produzir humor, e provocar cumplicidade com o público. Para uma melhor compreensão do texto, alguns fatores são essenciais como: coerência, coesão, ironia entre outros. A seção seguinte abordará esses fatores, que são fundamentais para a análise e compreensão da charge, são eles: a coerência, a coesão, a ironia e a intertextualidade.

1.4.1 A Coerência

A Coerência é a relação lógica entre ideias, situações ou acontecimentos. Pode apoiar-se em mecanismos formais, de natureza gramatical ou lexical, e no conhecimento partilhado entre os usuários da língua. A coerência é a ligação de cada uma das partes do texto com o seu todo, de forma que não haja contradições, de acordo com (KOCH, 1991, p. 12).

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa, para julgarmos um texto coerente ou não devemos levar em consideração o contexto, pois esse determina a plena interpretação, deve-se levar em conta a intenção comunicativa, bem como os objetivos, destinatários e regras socioculturais.

Pode-se concluir que texto coerente é aquele do qual é possível estabelecer sentido; é entendido como um princípio de interpretabilidade.

Um texto pode ser incoerente em ou para determinada situação se seu autor não consegue inferir um sentido ou uma ideia através da articulação de suas frases e parágrafos e por meio de recursos linguísticos (pontuação, vocabulário, etc.).

A boa formação de um texto ocorre quando os falantes têm a possibilidade de recuperarem o sentido de um texto. Este princípio se dá através da coerência como princípio de interpretabilidade, e que depende da capacidade de cada indivíduo em compreender o texto através de sua interação com o mesmo.

A incoerência textual se dá quando o receptor não consegue perceber qualquer continuidade no sentido e arrisca uma opinião desfocada, ou mesmo não entende a quebra dos sentidos. Como fatores essenciais, tomando-se por base um ou mais fatores de textualidade, dentre os setepropostos pela Koch, a saber: coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, intencionalidade, intertextualidade e situacionalidade.

1.4.2 A Coesão

A Coesão é a conexão, ligação, harmonia entre os elementos de um texto. Percebemos tal definição quando lemos um texto e verificamos que as palavras, as frases e os parágrafos estão entrelaçados, um dando continuidade ao outro. Os elementos de coesão determinam a transição de ideias entre as frases e os parágrafos, conforme (KOCH, 1991, p.12).

Ao ler/analisar uma charge, verificamos que a escrita está vinculada à imagem, em muitos casos. Uma é dependente da outra. Pode-se dizer que a imagem não sobreviveria sem a escrita e vice-versa. Isso depende do material, não é regra. Talvez, para alguns leitores, os sentidos poderão estar ali e não causam nenhuma surpresa. Para outro leitor que não tem as mesmas experiências leitoras do primeiro pode ser mais trabalhoso. A leitura de charges depende em muito do universo em que o leitor está inserido, suas experiências de mundo, leituras, pensamentos, sentimentos.

Portanto, coesão é a relação de dependência entre as imagens e a escrita em determinadas charges. É uma dependência para o/os sentido(s), para que a interpretação se mantenha. É como se o chargista quisesse encaminhar o leitor. São os mínimos detalhes que mantêm o leitor ligado em determinadas ideias e não em outras. São os detalhes do desenho e da escrita que dão uniformidade ao texto. Ele relaciona as partes e tem um todo organizado de sentido quando da sua compreensão.

1.4.3 A Ironia

A ironia consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos. Na Literatura, a ironia é a arte de zombar de alguém ou de alguma coisa, com vista a obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor segundo, (KIERKEGAARD 2005, p. 23).

Ela pode ser utilizada, entre outras formas, com o objetivo de denunciar, de criticar ou de censurar algo. Para tal, o locutor descreve a realidade com termos aparentemente valorizantes, mas com a finalidade de desvalorizar. A ironia convida o leitor ou o ouvinte, a ser ativo durante a leitura, para refletir sobre o tema e escolher uma determinada posição.

As charges são textos que possuem o recurso da ironia como sendo um traço muito forte. Talvez seja o que de melhor a charge pode trazer.

Não são todos os leitores que percebem a ironia ou aquilo que a charge quer trabalhar com humor. Algo inusitado que pode dar sentido à produção de uma charge.

1.4.4 A Intertextualidade

Pode-se definir a intertextualidade como sendo a criação de um texto a partir de outro texto já existente. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que ela é inserida. A intertextualidade se conceitua como o diálogo que se estabelece entre os textos verbais e não verbais (PAULINO, 1995, p. 52).

Evidentemente, o fenômeno da intertextualidade está ligado ao "conhecimento do mundo", que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor de textos. O diálogo pode ocorrer ou não em diversas áreas do conhecimento, não se restringindo única e exclusivamente a textos literários.

Além de manter contato entre assuntos/disciplinas, a charge reaviva a memória e a história. Segundo Maringoni (1996, p. 21), as charges têm esse recurso de fazer um 'chamamento' a outros fatos acontecimentos ou outros textos. Ao mesmo tempo está se lendo algo atual e produto do passado. Algo que pode plantar novas informações e interligar-se a informações conhecidas.

Ao ler/analisar uma charge, verificamos que a escrita está vinculada à imagem, em muitos casos. Uma é dependente da outra. Pode-se dizer que a imagem não sobreviveria sem a escrita e vice-versa. Isso depende do material, não é regra.

A charge é um diálogo com outros textos, mantendo relação do interior com o exterior. Embora, a cada momento os textos se transformem, a intertextualidade é um modo desta evolução. Diante de uma matéria interessante no jornal ou revista porque não criar algo divertido interessante e importante para melhorar o entendimento.

A seguir será abordado o ensino da charge em sala de aula, como recurso pedagógico na prática de ensino.

CAPÍTULO 2 - O ENSINO DA CHARGE EM SALA DE AULA

A leitura de charges em sala de aula é importante por permitir ao aluno exercitar seu senso crítico diante dos problemas ligados à sociedade, já que este gênero discursivo apresenta ao leitor uma opinião acerca de fatos reais e atuais. Dessa forma, podemos dizer que a charge é também meio de formação para a cidadania. A interpretação e apreensão de sentido da charge não é um dos exercícios mais fáceis de serem realizados, “mas pode se tornar algo extremamente atraente se bem trabalhado, pois trata-se de um gênero que, através do humor, pode ser formador de opiniões”(SOUSA; MACHADO, 2005, p. 63). Por ser formadora de opinião, a charge deve ser vista como meio de interação, porque permite que o leitor apresente a sua contra palavra aos fatos retratados pelo chargista.

De acordo com Bakhtin (2006, p. 105), o ponto de partida para o estudo da linguagem deve ser as formas de interação verbal em ligação com as condições concretas de produção. Desse modo quando se trata da leitura das charges, alguns aspectos sociais e discursivos precisam ser questionados, além dos aspectos linguísticos e textuais. Em que tipo de veículo de comunicação a charge está sendo publicada? Qual o posicionamento ideológico desse veículo? Quem produziu a charge? De que lugar social o autor fala? Com que propósito a charge foi produzida? Quem é o interlocutor pretendido?

O trabalho com o não-verbal, que se propõe, traz uma preocupação quando da prática docente e discente de produção e incentivo à formação de “melhores leitores”. Crê-se que a leitura e a interpretação de textos não-verbais,

especificamente da charge, em escolas, trará benefícios e incentivará o hábito de ler/escrever, além de auxiliar na manutenção de uma visão crítica do meio.

Em razão disso, o gênero charge articula harmoniosamente as duas linguagens - a verbal e a não-verbal. Ela demonstra que o sentido dele é construído na oscilação entre o já-dito e o não-dito. Propõe-se usar esse sentido na sala de aula, como opção viável para o ensino da leitura e da escrita. Como justificativa, apresentam-se três pontos:

(1) o material dos textos chargísticos compõe um manancial pouco explorado no contexto escolar, embora sejam exuberantes e dignos de análise; (2) a intertextualidade é um recurso produtivo em sala de aula para subsidiar a competência argumentativa dos alunos a partir de relações lógico-discursivas trazidas à tona pelo gênero charge, que tem em sua natureza, a capacidade de abordar temas polêmicos como a política, a religião, os conflitos sociais etc.;(3) as charges estão presentes no dia-a-dia em jornais, revistas, outdoors, além de provocarem o humor e, conseqüentemente, o prazer no leitor (PEREIRA, 2006, p. 102).

Segundo Lajolo (1993, p.59), os alunos devem ter conhecimento que a charge é um gênero textual cuja intencionalidade principal é fazer uma crítica por meio do humor. As charges destacam-se pela criatividade e abordagem de temas da atualidade. Os personagens geralmente são desenhados seguindo o estilo de caricaturas. Geralmente, abordam diversos temas, tais como assuntos do cotidiano; política, futebol, economia, ciência, relacionamentos, artes, consumo, etc.

As práticas de ensino adotadas nas escolas não dão conta da formação de um leitor capaz de ler qualquer gênero discursivo de forma crítica e proficiente. Ainda hoje, a leitura é vista apenas como decodificação da escrita, visão esta reducionista, pois não dá conta das especificidades de cada gênero discursivo nem tampouco contribui para o desenvolvimento da competência leitora.

A simpatia dos alunos para com os textos “visuais” é inevitável, pois percebe-se que a charge desperta ou possui atrativos a mais do que os da linguagem estritamente verbal; mas esta relação por vezes é dificultada pelas experiências de mundo que cada um traz ou não consigo. Para alguns ela traz o novo, para outros faz parte de suas condições de produção. O trabalho em sala de aula pode ser tão

completo quanto aquele em que se utiliza somente o texto escrito (tradicional). Nasce aí, a primeira grande curiosidade pessoal que é a de conhecer mais a fundo o processo de construção de sentidos da charge, sua materialidade e o que acrescentam de concreto ao conhecimento do aluno e/ou educador.

Na leitura de charges pode-se aplicar como diz Koch (2006, p.113), a “metáfora do *iceberg*: como este todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente”. Portanto, a partir disso, o que interessará é desvendar “um jogo de linguagem”, ou seja, a heterogeneidade da charge, tudo que ela suporta explícita ou implicitamente, o que ela fala ou deixa de falar.

Na seção subsequente abordaremos as propostas de atividades com o gênero charge.

2.1 Metodologia proposta para o trabalho com a charge

Sabe-se que o ensino de língua portuguesa em sala de aula apresenta ainda muitas deficiências. Assim, motivados a buscar respostas e soluções para os problemas que envolvem o trabalho com a leitura na Educação Básica, mais especificamente no ensino fundamental séries finais ou mesmo Ensino Médio, elaboramos atividades com o gênero discursivo charge, pois há certa ausência deste gênero, tanto nos livros didáticos, quanto na prática em sala de aula. A charge permite a leitura crítico-responsiva de temas debatidos e circulantes em sociedade, o que contribui significativamente para o desenvolvimento da criticidade dos alunos.

Para tanto, neste trabalho, selecionamos três charges, os critérios para seleção foram a atualidade na publicação e os assuntos de grande repercussão.

Com intuito de averiguar os benefícios do trabalho com gêneros, um material com o gênero charge foi elaborado para ser aplicado em sala de aula. As charges que constituem este material foram retiradas de fontes como o jornal e revista online.

Destacamo-las: Charge nº1. O Assalto; Charge nº2. A consulta; Charge nº3. Ensino Público. Essas apresentadas em seguida:

Elaboramos a proposta tendo nas charges de autoria de Laerte. O Condomínio. “O Assalto”, “A Consulta”, e do jornal online “Ensino Público”. Nosso objeto de estudo.

O trabalho com o gênero charge sugere a apresentação e a exploração de quatro momentos. O primeiro enfoque gênero charge no conjunto da vida social, com o objetivo de propiciar o contato do aluno com o gênero charge e possibilitar a compreensão de que a charge veicula posicionamentos, ideologias.

No segundo momento, análise dos textos, leitura das charges selecionadas e exploração dos aspectos sociais e discursivos. Objetivos propostos para este momento são: Explorar as características típicas da charge, como veículo de crítica, ler e interpretar charges, atentando para a intencionalidade específica desse gênero: fazer crítica por meio do humor, e conhecer alguns mecanismos linguísticos e visuais presentes nas charges.

Num terceiro momento, a exploração dos aspectos de conteúdo, de linguagem verbal e não verbal e de organização textual. E objetivos apresentados para este momento são: analisar o conteúdo da charge, explorando os aspectos verbais e não-verbais; e analisar o título da charge observando sua adequação à imagem.

E no quarto e último momento, buscando explorar o posicionamento crítico e a produção de novos sentidos, a fim de demonstrar habilidades básicas de leitura: realizar inferências e estabelecer relação entre texto e contexto, desenvolver a criticidade do aluno, proporcionar ao aluno acesso aos usos e funções sociais da escrita em atividades significativas e incentivar a circulação dos textos produzidos, como em um mural, jornal, por exemplo.

2.1.1 Propostas de Atividades

PROPOSTA I: Charge - O ASSALTO.



(Laerte. O Condomínio)

Contextualização da charge.

A imagem nº1 mostra que mesmo com todo aparato de condomínios, prédios comerciais, bancos, enfim os bandidos acham um modo de burlar a segurança, adentrar no ambiente, assaltar e até mesmo fazer reféns. Chegam falando que são dedetizadores, bombeiros, eletrecistas, ou seja, prestadores de serviço para adentrarem no prédio e então anunciarem um assalto.

Atividades:

1- O que é uma charge e qual a sua finalidade?

2- Faça uma descrição da charge, com o máximo de detalhamento possível.

- 3- Qual a relação do título com a imagem?
- 4- Qual a importância da ilustração e da escrita na charge?
- 5- Qual o objetivo da charge para você?
- 6- O título da charge faz uma intertextualidade com um problema social através de outro sentido da palavra “assalto”. Identifique-o.

PROPOSTA II: Charge - A CONSULTA.



(Laerte. O Condomínio)

Contextualização da charge.

A imagem nº2 aborda a questão da saúde do brasileiro, que é precária. Quando o cidadão adoece vai até o posto médico conveniado ao SUS e só consegue marcar a consulta para alguns meses, quando este o faz, ou a doença já foi curada, ou a pessoa já está morta. É um descaso total que os políticos demonstram para com a saúde da população.

Atividades:

- 1- Quais são as possíveis leituras que se pode fazer desta charge?
- 2- Qual a principal crítica apresentada na charge?
- 3- Você gosta da charge que critica, de forma irônica e por meio do humor, os problemas sociais?
- 4- A que tipos de leitores a charge é destinada?
- 5- Todas as pessoas interpretam as charges da mesma forma? Todos entendem a mesma coisa?
- 6- Para que o leitor se divirta com a leitura da charge, é preciso que ele esteja a par da situação cultural – conhecimento prévio de mundo – que a charge expõe, bem como dos recursos linguísticos nela presente? Por quê? Comente.

PROPOSTA III: Charge - ENSINO PÚBLICO.



<http://www.futuroprofessor.com.br/wp-content/uploads/2009/03/ensino-publica-charge-de-amancio.jpg>

Atividades:

1- Qual é o conhecimento prévio de mundo necessário para que o leitor se divirta com a charge proposta. Ensino Público.

2- Em que consiste o humor da charge?

3- O humor da charge é produzido pela associação de elementos linguísticos e de elementos visuais. Descreva a charge, de modo a indicar os aspectos visuais bem como o(s) elemento(s) linguístico(s) que provocam humor em cada uma delas.

4- Veja a charge “Ensino Público” e diga o que você sabe sobre o assunto tratado na mesma. Para facilitar seu trabalho, escreva pequenos períodos respondendo às perguntas: Sobre o que ela fala? É um problema atual? Como ele afeta sua vida? Há solução para o problema?

5- Produzir um mural, com textos de jornais e revistas atuais que estabelecem alguma relação com a charge “Ensino Público”.

6- A partir das discussões viabilizadas pela leitura da charge, escrever um artigo de opinião a ser publicado no jornal da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto de pesquisa, o intuito era mostrar que o trabalho com gêneros discursivos, especificamente o gênero Charge, pode contribuir para um ensino de qualidade e para o desenvolvimento de uma postura crítica. O gênero charge nas aulas de leitura, quando abordado de forma adequada, desperta a criticidade e a compreensão da realidade social, permitindo ao aluno a ampliação do seu universo ao mesmo tempo em que possibilita conhecer diferentes discursos atualizados de acordo com o momento em que vive. Assim, o aluno tem a oportunidade de debater sobre a sua realidade e se posicionar de diferentes maneiras acerca dos mais variados assuntos tratados na sociedade em geral.

Todo gênero textual tem a sua funcionalidade no dia-a-dia. Na sala de aula, a charge é um recurso linguístico que o professor o aluno devem explorar, pois além de trabalhar a prática de leitura de texto, se pratica ainda a leitura de mundo que a charge possibilita mediante a intertextualidade.

A charge, pela sua característica humorística, promove um maior interesse por parte dos alunos que, ao estudá-la, desenvolverão uma visão crítica a respeito do assunto que a charge aborda e, ao mesmo tempo, trabalhará a linguagem de uma forma geral.

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para que o trabalho com os gêneros discursivos em aula favoreça a formação de leitores críticos. Há muito a ser

estudado, o que se apresenta aqui é apenas o princípio, no entanto, esse estudo abriu uma visão de como analisar e interpretar textos especificamente (charges) que circulam socialmente e favorecem a interação com a própria realidade social. As propostas de atividades apresentadas, nas charges selecionadas, são ferramentas para análise e compreensão desse gênero a charge.

Utilizar a charge, assim como a qualquer outro gênero textual em sala de aula, é um convite a maior interesse por parte dos alunos e, portanto, sucesso tanto em aprendizagem quanto em socialização de conhecimentos. O ensino baseado em gêneros permite ao aluno entender os mecanismos de sua produção e a dominá-los progressivamente, ou seja, este se tornará muito mais apto a escrever textos, devido às ferramentas que lhe foram proporcionadas.

Frente ao crescimento acelerado das novas tecnologias de comunicação e informação, faz-se cada vez mais necessária a formação de leitores críticos que sejam capazes de ler e compreender o que leem, para que possam compreender melhor o mundo e sua própria realidade. É preciso, também, preocuparmo-nos com a formação do professor no que compete à leitura crítica, por entender-se que muitos desses profissionais não gostam de ler e/ou não cultivam este hábito e por isso não desenvolvem práticas de leituras eficientes em suas salas de aulas.

Portanto, formar o leitor crítico é uma necessidade de se construir cidadãos também críticos, para lutarem por seus espaços na sociedade e no mercado de trabalho, sendo autônomos e realizando seus ofícios com eficiência.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. Mickhail. Mikhailovitch **Estética da criação Verbal**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN. Mickhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Judith Chambliss Hoffnagel, Ângela Paiva Dionísio, (organizadoras); Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

Disponívelem www.babylon.com/definition/charge/Portuguese. Acesso 20/01/2013.

Disponívelem www.mundoeducacao.com.br/redacao/coerencia-textual. Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa. Acesso 14/05/2013.

ELIAS, Vanda Maria, **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia**. Petrópolis (RJ), Brasil: Vozes, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Ângela B. Kleiman, Silvia e. Moraes. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 13ª ed. São Paulo: Pontes, 2010.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela. B. Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio. In: BUZEN, C. & MENDONÇA, M. (orgs.) Português no Ensino Médio e Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos de textos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da literatura para a leitura do mundo**. São Paulo. Ática, 1993.

LUYTEN, Sonia B. **O que é história em quadrinhos**. 3ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (org). Gêneros Textuais e Ensino. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucema, 2003.

MARINGONI, Gilberto. **Humor da charge política no jornal**. Comunicação & Educação, Vol. 3, Nº7 (1996) Disponível em <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewPDFInterstitial/4316/4046> - Acesso em 28/11/2012

MEURER. **O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais**. Ilha do Desterro, n. 38, 2000, p. 155-171.

Paulino, Graça; Walty, Ivete; Cury, Maria Zilda Cury. **Intertextualidade: Teoria e Prática**, 1ª edição, Belo Horizonte-MG, Editora Lê, 1995.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. **O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade**. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da et al. Ensino de língua: do impresso ao virtual. Campina Grande, PB: EDUEP, 2006.

RIBEIRO, Manuel P. **Nova gramática aplicada da língua portuguesa**, 13ª ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2003.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas. RGS: UFRGS, 2004.

SOUSA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. **O verbal e o não verbal, na produção dos efeitos de sentido no gênero da charge**. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Orgs). **Generos Textuais. Teoria e Prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.